

doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.109.A002>

## **Apego à moradia de idosos confinados em municípios catarinenses frente à covid-19**

*Addiction to housing of elderly confined in catarinian municipalities in front of covid-  
19*

---

Gabrielle Karoline Scalvin

Universidade do Vale do Itajaí

<http://orcid.org/0000-0001-8245-5161>

[gabiscalvin@hotmail.com](mailto:gabiscalvin@hotmail.com)

Taimara Faé Opolski

Universidade do Vale do Itajaí

<http://orcid.org/0000-0001-8724-8057>

Roberta Borghetti Alves

Universidade do Vale do Itajaí

<http://orcid.org/0000-0002-1866-699X>

Cristiane Aparecida de Souza  
Universidade do Vale do Itajaí  
<https://orcid.org/0000-0001-7230-1556>

---

### Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo analisar o apego à moradia de idosos confinados em municípios catarinenses na atual pandemia, sendo que estes não tenham sido contaminados pelo vírus. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratório-descritiva com corte transversal possibilitado pela pesquisa de campo. Utilizou-se a abordagem multimétodos para a coleta de dados, com enfoque na pessoa e no ambiente, de modo a ser utilizada a entrevista semiestruturada e o instrumento fotografando o ambiente. Participaram da pesquisa treze pessoas e as falas foram analisadas por meio da Grounded Theory. A análise foi dividida em duas principais categorias, sendo estas "Aspectos simbólicos sociais" e "Aspectos funcionais da moradia". Dentre os aspectos simbólicos, evidenciou-se os sentimentos de liberdade, aconchego, alegria e tranquilidade. Tais sentimentos relacionam-se ao vínculo estabelecido com o lugar, que pode ser interpretado como apego entre o idoso e sua moradia. As lembranças de experiências vivenciadas no lugar também propiciam a existência do apego. Percebe-se que reconhecer a casa como não sendo própria, dificulta a identificação deste sentimento. Quanto aos aspectos funcionais, destaca-se de forma unânime a identificação de satisfação das necessidades, segurança e conforto ao viver na moradia. Apenas um dos participantes referiu insegurança devido a fatores externos da casa, relacionado às características da vizinhança. De modo geral, nota-se que os aspectos afetivos, significados e sentidos atribuídos ao lugar, contribuíram também para o gostar de residir na moradia, bem como o desejo pela permanência na mesma.

**Palavras-chave:** Apego ao Objeto, Idoso, Pandemias.

### Abstract

This research aimed to analyze the attachment to housing of elderly people confined in municipalities in Santa Catarina in the current pandemic, as long as they have not been contaminated by the virus. This is a qualitative, exploratory-descriptive cross-sectional study made possible by field research. The multi-method approach was used for data collection, focusing on the person and the environment, in order to use the semi-structured interview and the instrument photographing the environment. Thirteen people participated in the research and the statements were analyzed through Grounded Theory. The analysis was divided into two main categories, these being "Symbolic social aspects" and "Functional aspects of housing". Among the symbolic aspects, the feelings of freedom, warmth, joy and tranquility were evident. Such feelings are related to the bond established with the place, which can be interpreted as attachment between the elderly and their home. The memories of lived experiences also lead to the existence of attachment. It is noticed that recognizing the house as not being one's own, makes it difficult to identify this feeling. As for the functional aspects, the identification of satisfaction of needs, safety and comfort while living in the house stands out unanimously. Only one of the participants reported insecurity due to external factors of the house, related to the characteristics of the neighborhood. In general, it is noted that the affective aspects, meanings and senses attributed to the place, also contributed to the enjoyment of living in the house, as well as the desire to remain there.

**Keywords:** Object Attachment; Aged; Pandemics.

### Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo analizar el apego a la vivienda de las personas mayores confinadas en los municipios de Santa Catarina en la actual pandemia, siempre que no hayan sido contaminados por el virus. Se trata de un estudio transversal, cualitativo, exploratorio-descriptivo, posible gracias a la investigación de campo. Para la recolección de datos se utilizó el enfoque multimétodo, con foco en la persona y el entorno, para utilizar la entrevista semiestructurada y el instrumento de fotografía del entorno. Trece personas participaron en la investigación y las declaraciones fueron analizadas a través de Grounded Theory. El análisis se dividió en dos categorías principales: "Aspectos sociales simbólicos" y "Aspectos funcionales de la vivienda". Entre los aspectos simbólicos, se evidenciaron los sentimientos de libertad, calidez, alegría y tranquilidad. Dichos sentimientos están relacionados con el vínculo que se establece con el lugar, que puede interpretarse como apego entre el anciano y su hogar. Los recuerdos de experiencias vividas en el lugar también conducen a la existencia del apego. Está claro que reconocer la casa como no propia dificulta la identificación de este sentimiento. En los aspectos funcionales, destaca por unanimidad la identificación de necesidades de satisfacción, seguridad y confort durante la convivencia en la casa. Solo uno de los participantes refirió inseguridad por factores externos a la casa, relacionados con las características del barrio. Se observa que los aspectos afectivos, significados y sentidos atribuidos al lugar, también contribuyeron al disfrute de vivir en la casa, así como al deseo de permanecer allí.

**Palabras clave:** Apego a Objetos; Anciano; Pandemias.

### Introdução

Com o avanço das tecnologias e o aperfeiçoamento da medicina é comum encontrar pessoas com idade avançada tendo qualidade de vida e bem-estar biopsicossocial. Segundo a ONU (citado por Torres, 2015), as pessoas com idade superior a 60 anos são divididas em três grupos: idosos (60 a 74 anos), anciãos (75 a 90 anos) e velhice extrema (acima de 90 anos de idade). Evidencia-se o aumento acentuado da população na faixa etária de 80 anos ou mais de modo a contribuir para o surgimento de novos estudos com esta população.

Geralmente, o organismo de parte da população idosa possui maior facilidade em contrair doenças. Portanto, dentro da saúde pública, os idosos encontram-se no grupo mais vulnerável pelo fato de associar a idade avançada com a maior prevalência de doenças (Donalizio, 2007) devido à resistência imunológica reduzida. Quando relaciona-se o grupo de idosos com a COVID-19, é possível deparar-se com um cenário perigoso para esta população, que são considerados, nesta situação, como grupo de risco para o contágio. Em tempos de quarentena, os idosos em confinamento podem apresentar-se

mais ansiosos, zangados, estressados, agitados, retraídos e excessivamente desconfiados (Inter-Agency Standing Committee, 2020), quando comparados ao estado típico da vida anterior a pandemia.

Medidas de biossegurança precisaram ser adotadas, dentre elas está o uso de máscaras que cobrem nariz e boca, álcool em gel 70 e o reforço da higiene de superfícies e, especialmente, das mãos que são os principais veículos de contaminação frente a um vírus invisível. Também é preciso manter o distanciamento social (Oliveira, Lucas, & Iquiapaza, 2020) e, se possível, manter-se em confinamento domiciliar para não contrair o vírus. Tal mudança ocasionou impacto, principalmente para aqueles que desfrutavam de uma vida ativa, com liberdade de ir e vir.

Destaca-se a relevância da distinção dos termos confinamento e isolamento frente à pandemia. O distanciamento social, ou confinamento, implica na redução da circulação de pessoas nos mais variados locais, de modo a evitar o contato com a finalidade de diminuir o contágio. Nesta situação, ainda é mantida a liberdade de ir e vir dessas pessoas, desde que com segurança. Já o isolamento envolve manter separadas as pessoas que já contraíram ou manifestaram quaisquer sintomas da COVID-19, das pessoas que se mantêm saudáveis (Schmidt et al, 2020).

Devido à pandemia, o tempo de permanência em casa aumentou e, talvez até, novas formas de se relacionar e interagir com a moradia foram criadas visando a melhor adaptação possível. Considerando isso, o ambiente no qual o idoso vive, de maneira geral, é permeado por construções vivenciadas que se tornam signos e passam a fazer parte de sua história. Nesta perspectiva, com o envelhecimento, as referências materiais das quais dispõe o idoso se fortalecem e se traduzem em apego ao lugar (Hazin, 2012), além de que, no atual cenário, a moradia pode trazer em si novos significados.

O apego à moradia começa a ser compreendido como sendo um fenômeno que perpassa a relação afetiva da pessoa com o ambiente em que reside. De acordo com Alves (2018), há dois fatores que contribuem na explicação do apego à moradia sendo eles: Simbólico Social e Funcionalidade de Lugar. O fator Simbólico Social evidencia sentimentos que ocorrem a partir da relação do sujeito não somente com a moradia, mas também com toda a comunidade que vive ao redor. Isso faz gerar no sujeito o sentimento de pertencimento, construindo vínculo com a comunidade.

Apresenta também os laços afetivos que são estabelecidos com os lugares e que contribuem para a definição e construção da identidade pessoal (Felippe & Kuhnen, 2012). Quando há afeto direcionado a um lugar de preferência, este possibilita a vivência de experiências restauradoras. Estar em um lugar significativo, pode implicar em alterações de humor, a capacidade atencional e contemplação dos próprios sentimentos.

Portanto, é entendido que o ambiente físico pode ser um mediador na regulação das emoções, contribuindo em perdas e ganhos, e que a interrelação entre idoso e ambiente tem caráter regulador nos afetos e influência na qualidade de vida dos indivíduos (Macedo, Oliveira, Günther, Alves, & Nóbrega, 2008). Já o segundo fator volta-se a Funcionalidade de Lugar, de modo a verificar se as características físicas da moradia satisfazem as necessidades da pessoa ou contribuem para a realização das atividades almejadas, produzindo sensação de segurança e bem-estar (Alves, 2018; Trabka, 2019).

Diante da complexidade deste cenário, torna-se importante entender de quais maneiras o apego à moradia se manifesta em idosos, sobretudo quando esta população se encontra em estado de confinamento domiciliar devido a COVID-19. Frente a estas ponderações e a fim de comprovar a relevância científica do presente estudo, realizou-se uma busca nas bases de dados Pubmed, Portal Capes e *Science Direct*. Foram encontrados 27 artigos com os descritores “apego ao lugar (*place attachment*) e idoso (*aging/elderly/older adult*)”, inseridos no título e no resumo dos artigos entre os anos de 2015 e 2020.

Dentre os artigos científicos encontrados, nove deles articularam o fenômeno do apego ao lugar com a população idosa, os quais destacaram a contribuição do apego ao lugar de idosos com o bem-estar social, a promoção da saúde, a identidade de lugar e com o senso de comunidade. Os artigos encontrados também relatam a influência de áreas verdes e espaços urbanos neste apego.

Não foram encontradas pesquisas disponíveis que abordassem o apego de idosos que estão em confinamento domiciliar, sendo este um diferencial da pesquisa de modo a contribuir com o avanço do conhecimento. Salienta-se também que a utilização da Gronded Theory permitirá dar voz ao público-alvo em situação de confinamento de modo a permitir teorizar sobre o construto apego ao lugar (Creswell, 2014).

Além disso, entender os aspectos simbólicos sociais e a funcionalidade de lugar para o confinado possibilita a compreensão de como é estabelecido seu relacionamento com a

moradia, quais os significados atribuídos à mesma e se há implicações no apego ao lugar ao estar em confinamento. Contribuirá para conhecer os significados atribuídos à casa e se há implicações no apego ao lugar ao estar em confinamento.

### **Objetivos**

Compreender esta interrelação entre o idoso e a moradia permitirá o estabelecimento de estratégias de cuidado a estes idosos. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar o apego à moradia de idosos confinados em municípios catarinenses frente à COVID-19. A partir disso, buscou-se identificar os aspectos simbólicos sociais e os aspectos funcionais da moradia na perspectiva dos idosos confinados.

### **Método**

#### *Delineamento e Participantes*

Esta pesquisa adotou a abordagem qualitativa, de caráter exploratório-descritivo com a utilização da análise Grounded Theory. Foi uma pesquisa empírica com corte transversal, possibilitada pela pesquisa de campo nas casas dos participantes, através de visitas previamente agendadas com os mesmos. A saturação dos dados foi verificada com a participação de 13 idosos, sendo cinco do sexo masculino e oito do sexo feminino. Os participantes ingressaram na pesquisa através da metodologia bola de neve, na qual os idosos já participantes indicaram novos entrevistados, com base na relação de proximidade já estabelecida uns com os outros. A média de idade dos entrevistados foi de 66 anos (DP = 5,24), variando de 60 a 78 anos. O grau de escolaridade variou entre ter o ensino fundamental incompleto a ensino superior completo, sendo seis participantes com ensino fundamental incompleto, três com ensino superior completo e um com superior incompleto, dois com ensino médio concluído e um com o ensino fundamental completo.

Ainda conforme as informações obtidas por meio da entrevista, a média de renda dos participantes apresentou variação. Três deles recebem a média de um salário mínimo, três recebem até dois salários mínimos, quatro participantes até três salários mínimos e três deles recebem mais de dez salários mínimos.

Sete dos participantes residiam no município de Balneário Camboriú, cinco no município de Itajaí e um participante no município de Camboriú. Os três municípios são

vizinhos, com a média de 16km de distância um do outro. Ambas estão localizadas no litoral norte de Santa Catarina.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019), a população estimada para os municípios no ano de 2020 é de 223.112 habitantes em Itajaí. Já em Balneário Camboriú 145.796 e 85.105 habitantes em Camboriú.

Oito dos participantes são casados, duas participantes são divorciadas, outras duas são viúvas, sendo que uma delas está em união estável e um participante solteiro. Nove deles residiam com o companheiro (a), duas residiam com seus respectivos filhos mais novos, uma participante residia com uma filha e dois netos e um participante residia com a mãe.

O tempo de moradia apresentou-se com coortes de 5 em 5 anos: cinco participantes moram na casa até cinco anos, um participante há 10 anos, dois até 15 anos, um até 25 anos e quatro participantes moram a mais de 30 anos. Todos estavam no momento da coleta de dados em confinamento domiciliar em virtude da pandemia da COVID-19 e não tinham sido contaminados pela COVID-19.

### *Instrumentos*

A coleta de dados foi obtida a partir da perspectiva da abordagem multimétodos, no qual utilizou-se dois instrumentos. Como enfoque no ambiente, utilizou-se o método Fotografando Ambiente. Na fotografia é possível transmitir e expressar muitos sentimentos e emoções sobre o lugar apegado, de modo a torna-se um instrumento útil. Captura-se através do olhar da pessoa as suas representações do ambiente. Dessa maneira, para Higuchi e Kuhnen (2008, p. 12), "o registro impresso da realidade percebida, expressa algo do autor na relação com o objeto fotografado".

Dessa forma, com o uso do celular o sujeito foi convidado a tirar fotos do ambiente de espaços desse ambiente que tenham relação com ele próprio e o tema em questão. Os participantes receberam a seguinte instrução: "tire uma ou mais fotos de cômodos da casa, os quais você sente apegado".

Por sua vez, como método centrado na pessoa, foi utilizada a Entrevista Semiestruturada, na qual foram realizadas 16 perguntas que referiam-se aos sentimentos que a casa desperta no participante, significados atribuídos, quem frequenta a casa e como é a relação com os vizinhos.

Investigou-se o tempo de residência, bem como quais mudanças ocorreram após a pandemia da COVID-19 e como ficou a relação com a casa neste período, por subentender que passou-se mais tempo na moradia. Além disso, verificou-se os aspectos dos sentimentos de segurança, insegurança, conforto e desconforto em relação à moradia, assim como os dados sociodemográficos.

### *Procedimentos Éticos*

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética de uma universidade catarinense. Após aprovação, conforme CAAE 39942120.6.0000.0120, foi realizado contato prévio com os participantes por meio de ligação telefônica, de modo a convidá-los para participar da pesquisa. Após o aceite do convite, em dia e horário agendado com o participante, as pesquisadoras foram até a casa do mesmo para a coleta dos dados. No convite foi explicado a pesquisa, o método, os riscos e os benefícios do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ao aceitarem, a coleta de dados foi realizada dentro da casa dos participantes, após as pesquisadoras serem convidadas. Foi solicitada a autorização de todos os envolvidos para a gravação do áudio, para posteriormente ser possível a transcrição do conteúdo da entrevista.

Encontra-se aqui a necessidade de afirmar que todas as medidas de biossegurança em relação a COVID-19 foram tomadas, tanto pelas pesquisadoras, quanto pelos participantes. Salienta-se que as pesquisadoras mantiveram a distância de um metro e cinquenta centímetros do(a) participante, estavam de máscara, fizeram uso de álcool em gel e canetas descartáveis para assinatura do TCLE.

### *Análise dos Dados*

Para a análise dos dados, utilizou-se a Teoria Fundamentada nos Dados (*Grounded Theory*). A Teoria Fundamentada fornece meios para desenvolver categorias de informação, interconexão de categorias e a construção de histórias que possam ligar uma categoria a outra. Passa por três fases de codificação que auxiliam em um resultado final, sendo elas: aberta, axial e seletiva (Creswell, 2014).

Na fase inicial é realizada a codificação aberta, na qual os textos são lidos e analisados com o intuito de formar categorias que respondam sobre o fenômeno pesquisado. Utiliza-se uma abordagem comparativa constante, de modo a buscar

exemplos que possam representar a categoria, a fim de continuar a busca até que não seja possível encontrar outras informações que contribuam para o entendimento da categoria (Creswell, 2014).

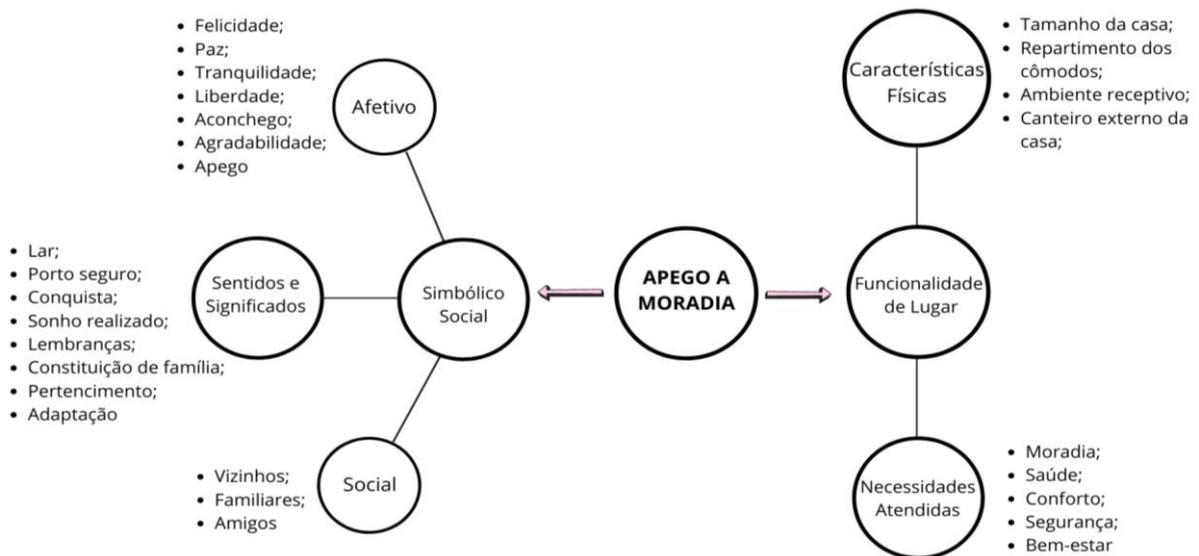
Após esse processo realizado, é retirado da lista de categorias que surgiram, uma que seja o ponto de interesse central que relaciona o fenômeno estudado. A partir disso, retorna-se para as outras categorias encontradas, de modo a identificar quais podem ter ligação com este ponto central selecionado anteriormente. Esse momento é chamado de codificação axial, em que, de acordo com Creswell (2014), um novo processo de exame é iniciado, a fim de obter maior compreensão das categorias específicas que explicam ou não o fenômeno central.

Por fim, ainda conforme Creswell (2014), a fase de codificação seletiva resulta das informações que foram obtidas na fase anterior, que são organizadas em um modelo teórico do processo, o que gera uma teoria. A partir disso, são criadas hipóteses que interrelacionam as categorias formadas. Nesta última fase é possível criar uma matriz condicional, como um auxílio analítico que contribui para uma visão ampliada acerca das condições e consequências que envolvem o fenômeno central (Strauss & Corbin, 1990 apud Creswell, 2014).

Salienta-se que as fotografias registradas pelos participantes serviram como disparadores das falas dos mesmos de modo a ser o foco da análise. Em um primeiro momento, após a transcrição das falas, os dados obtidos nas entrevistas foram divididos em grandes categorias, para posteriormente serem divididos em subcategorias de análise que tenham relação com o fenômeno central. Por fim, foram criadas hipóteses que interrelacionam as categorias formadas.

### **Resultados e Discussão**

Para compreender o apego à moradia dos idosos confinados, a análise foi dividida em duas principais categorias que emergiram a partir da fala dos participantes. São elas: 1) aspectos simbólico sociais da casa; e 2) aspectos funcionais da moradia.



**Figura 1:** Síntese do modelo teórico e resultados

Na primeira categoria, os aspectos simbólicos sociais foram evidenciados através dos afetos, sentidos e significados atribuídos à moradia e os aspectos sociais que voltam-se à relação com vizinhos, comunidades que residem em torno do lugar, assim como a possibilidade de receber familiares e amigos nesta casa. Nos aspectos funcionais, foi possível identificar a satisfação e insatisfação das necessidades, o julgamento das características físicas da moradia para realizar as atividades almejadas e o sentimento de segurança, conforto e bem-estar que a casa fornece.

### 3.1 Aspectos Simbólicos Sociais

#### 3.1.1 Aspecto Afetivo da Moradia

Neste aspecto, os participantes identificaram sentimentos em relação à moradia e possibilitados por ela. A maioria dos participantes ( $n = 12$ ) referiram se sentir bem em casa, feliz e em paz. O sentimento de aconchego ( $n = 3$ ), alegria ( $n = 2$ ), liberdade ( $n = 2$ ) e calma ( $n = 1$ ) também foi referido. Estar em casa para os participantes, trouxe em evidência o gostar da casa e o querer permanecer nela. Neste sentido, Macedo et al (2008) apontam que o fato de estar em um lugar, no qual o indivíduo gosta, pode proporcionar mudanças fisiológicas por meio da alteração do humor, de modo a contribuir com a melhora da capacidade de atenção e a maior contemplação dos seus sentimentos.

O sentimento de tranquilidade foi o mais relatado pelos participantes. Percebe-se que tal sentimento está relacionado com o fato de estarem em um ambiente, no qual sentem-

se bem, que lhes proporciona alegria e liberdade. Wiles et al (2017) pontuam que sentir-se conectado com o lugar e os sentimentos decorrentes dele, são importantes componentes para o apego ao lugar.

Os sentimentos afetivos destacados, segundo Santos e Lima (2020), estão relacionados com as memórias individuais e coletivas que fazem parte do lugar e perpetuam-se por meio das relações. Tais sentimentos se constroem a partir das experiências vivenciadas no lugar e tendem a ficar mais fortes à medida que a relação com o lugar torna-se mais duradoura.

Nota-se também, que o fato do sujeito gostar do que observa da sua janela para fora, tem influência na sensação de bem-estar a ele proporcionada (Macedo et al, 2008). Relaciona-se tais aspectos com as características físicas que remetem à conexão com a natureza.

Percebe-se a consciência do apego à moradia, especialmente a partir da COVID-19, que devido ao distanciamento social necessário, mais tempo se passou em casa. Tais sentimentos foram evidenciados pelo despertar do amor pela moradia e por atribuir um sentimento valorativo, sendo a casa um lugar seguro, no qual é possível ficar e permanecer frente à pandemia.

No entanto, foi possível identificar uma dissonância na fala de um dos participantes que pontualmente afirmou não sentir apego, como salienta P7: *“Eu não me apego a nada [...] eu moro nela, mas nenhum apego né porque não é minha”*.

De acordo com Cheng, Tsai e Chen (2020), os sentimentos emocionais que o indivíduo passa a apresentar pelo lugar podem ter uma variação de intensidade, que dependerá do tempo de residência no lugar, assim como a maneira com que ele vive no lugar.

Na fala da participante, há a justificativa da ausência do apego em decorrência de a moradia ser alugada e por essa razão, menciona a adaptação momentânea enquanto não tem a casa própria de modo a este lugar não ser seu. Segundo Alves, Kuhnen e Battiston (2015), o valor que o sujeito deposita em ter o próprio lugar, permeado por sentimentos de liberdade e independência, evidencia a importância da ligação entre o sujeito e a moradia.

Ter um lugar ao qual possa chamar de seu, considerar próprio, pode ser considerado um contribuinte para a regulação emocional, de modo a trazer qualidade na formação da identidade pessoal do indivíduo.

### *3.1.2 Sentidos e significados do lugar*

Esta subcategoria destaca as falas em que foram atribuídos sentidos e significados que emergiram e foram constituídos por morar na residência. Implica na característica subjetiva, de significado pessoal que os entrevistados remetem e atribuem às suas casas. A partir das respostas mencionadas pelos participantes podem ser destacadas as lembranças com os familiares e momentos vividos juntos na moradia.

Nota-se que a casa também recebe um significado de lugar voltada a constituição da família. Este ambiente, os filhos e netos nasceram e cresceram, sendo possível conviver com membros familiares (pais, cônjuges e filhos) que já faleceram, mas que ainda preenchem a casa com significações e memórias.

De acordo com Hazin (2012), junto com o envelhecimento as referências materiais ganham força. Assim, o indivíduo apega-se a artefatos, lugares e conseqüentemente a memórias que remetem às vivências do passado. Da mesma forma, a casa traz em si lembranças da trajetória de vida das pessoas, do trabalho árduo ao longo da vida que foi preciso realizar para que hoje tivessem a casa como morada. Cinco dos participantes manifestaram que o significado da casa era de um sonho realizado, seja por ter a casa própria ou por ter conseguido realizar o desejo de morar em um ambiente no qual a pessoa se identifique e sinta que lhe pertence.

A casa como sendo algo de valor para o sujeito e por ser algo de difícil alcance, tem relação com a construção da identidade e do crescimento pessoal do indivíduo (Alves, Kuhnen, & Battiston, 2015). O sentido de conquista também é evidenciado através da fala e da fotografia de P1 (figura 2) quando diz: "*Eu sempre queria ter uma [...] é o objeto da casa que eu mais cuido*".

Na fala supracitada, a máquina de lavar roupas é identificada como um objeto ao qual, além de ter apego, tem importância para a participante, tanto pelo auxílio que ela lhe dá quanto pela conquista em ter obtido algo que desejava.



**Figura 2:** Conquista, sonho, objeto de apego.

A identificação e o senso de pertencimento, tornam-se evidentes quando P5 afirma sobre a casa: “*não troco isso aqui por nada no mundo [...] É um pedaço de mim e quero deixar para os meus filhos*”. A participante além de manifestar o desejo da permanência na moradia, relata o desejo que a casa continue a fazer parte da vida familiar. Nesta perspectiva, nota-se que mesmo a casa sendo um ambiente considerado bom para se morar, reconhecê-la como própria torna-se importante para atribuir o valor de pertencimento. De tal maneira, o sentimento de pertencimento apresenta-se como um elo entre a pessoa e o meio em que habita e é manifestado pelas simbologias e valores atribuídos ao lugar (Santos & Lima, 2020).

A identidade de lugar captura a importância do ambiente físico para o desenvolvimento das identidades, individuais e coletivas. Além disso, a noção de territorialidade conduz à maior identificação com a moradia e com a comunidade de modo geral, de modo a gerar a percepção de maior controle sobre o ambiente (Akesson, Burns, & Hordyk, 2017). Nos estudos de Chang, Tsou e Li (2020), destaca-se que a identidade de lugar foi um fator que mais contribuiu para o apego ao lugar e o senso de pertencimento torna-se imprescindível para o bem-estar dos idosos.

O desejo de permanecer no lugar é também manifestado no relato de P8: “*não me vejo fora daqui, às vezes sonho que eu tô fora daqui e que eu queria voltar, tu vê que eu*

*sonho [...] tô desesperada, queria voltar pra dentro da minha casa, e não consigo [...]”.*

O sonho referido pela participante reflete seu desejo de permanência e a angústia pela possibilidade de se imaginar longe do seu ambiente. Demétrio e Barbosa (2016) mencionam que, o que é familiar age como um meio de proteção ao ser humano frente às perplexidades do mundo externo. Por esse motivo algumas pessoas relutam em abandonar determinados hábitos e pessoas idosas, especialmente, relutam em abandonar seu velho território, mudando-se para novas casas.

Neste sentido, ainda foi atribuído à casa o sentido de ser um porto seguro e o significado de lar. A casa também representa um papel importante como construtora da identidade e da história da pessoa. Demarca ser o ambiente, no qual os participantes vivem e onde passam a maior parte do tempo, um lugar construído para se viver e ter uma vida tranquila. É onde o dia a dia acontece, onde se vivenciam as alegrias e tristezas.

Durante a pandemia da COVID-19, é possível identificar que a casa passou a receber um novo sentido e significado. Anteriormente, seis dos participantes referiram ser um ambiente para o qual voltavam depois de alguma atividade externa, tal como idas à igreja, almoços em restaurantes ou a própria rotina de trabalho. Com a pandemia, as novas significações foram manifestadas como o desejo de poder sair, o sufoco por estar só em casa, sem a possibilidade de sair ou com a frequência de saídas reduzidas.

Além disso, menciona-se a melhora na relação com a casa, ao poder desfrutar e aproveitar do ambiente. Salientam também a adaptação frente ao novo momento em que é preciso acostumar-se a nova rotina, com as atividades rotineiras da casa e com a maior parte do tempo que se passa na mesma. No entanto, sete dos participantes referiram não haver diferenças consideráveis em sua relação com a casa frente ao confinamento.

O contato com ambientes naturais que a casa proporciona foi considerado um fator facilitador para a permanência em casa durante o distanciamento social. A foto registrada por P6 (figura 3) confirma tal aspecto e traz explícito em seu relato que ficar em casa neste período tornou-se mais fácil em virtude de poder contemplar a vista que a moradia possibilita.

Além disso, atribui o significado de conquista também, considerando o sonho que tinha em morar de frente para o mar. Chang et al (2020) apontam que a qualidade do espaço verde, no contato com a natureza, possibilita a redução do estresse ambiental que, por sua vez, está relacionado com o bem-estar.

Quanto menos estressores ambientais, melhor o aspecto do bem-estar. Além disso, tanto os ambientes naturais quanto os ambientes construídos podem ser possibilitadores de experiências restauradoras para o indivíduo (Macedo et al, 2008).



**Figura 3:** Tranquilidade, sentir-se bem e conquista.

### *3.1.3 Aspecto Social*

Aqui destaca-se o aspecto social, no qual envolve os relacionamentos em que os participantes estabelecem. Tais relações são possibilitadas pela localidade da moradia que engloba a vizinhança e, propriamente, pelo referencial social que a casa tem, de acolher e propiciar convívios. Na relação social proporcionada ao estar em casa, os participantes citaram o convívio estabelecido com os vizinhos e comunidade de forma geral, familiares e conhecidos que frequentam a casa. Da mesma forma que o distanciamento social exigido pela pandemia da COVID-19 foi referido como um aspecto que dificultou o convívio e as relações, também foi citado como um benefício, pois perceberam-se em um momento de descanso.

Assim, P2 destaca: *“Quase todo final de semana eu fazia uma comida de prato único pra eu ter uma desculpa pra ter gente (em casa) [...] Então com muita frequência eu tinha gente aqui em casa sempre e isso me faz uma falta tremenda, o toque, o abraçar”*. A participante refere tal aspecto como sendo uma dificuldade enfrentada pelo distanciamento social que a privou do convívio com as pessoas que constantemente frequentavam sua casa. Brooks et al (2020) apontam que os principais sintomas

estressores e angustiantes existentes durante uma pandemia estão associados ao tédio, sensação de isolamento e frustração por não ter contato social, visto que há uma redução do nível social, falta de contato físico com as demais pessoas, o confinamento em si e as mudanças significativas nas rotinas diárias.

Com a necessidade do distanciamento, diminuiu a frequência de visita dos filhos, parentes próximos e amigos. Tal questão foi percebida como uma dificuldade ocasionada pela pandemia. No entanto, demonstra-se que o fato de as pessoas não poderem manter contato direto e frequente com as demais, trouxe alívio e descanso, tanto por proporcionar um momento de paz consigo próprio sem interrupções, quanto por ser necessário realizar menos atividades diárias na casa, tal como limpeza e organização de modo geral para receber as visitas.

A necessidade de adotar medidas de distanciamento social e de estar em confinamento domiciliar impostas pela pandemia da COVID-19, põe à prova as formas das pessoas lidarem com as circunstâncias. Implica também no modo de conseguirem retirar novos sentidos e significados dessas dificuldades.

Assim, possibilita amenizar os impactos deste novo contexto nas vivências cotidianas (Lima, 2020), tal como o afastamento social, de maneira que consiga ressignificar as relações com os demais e consigo próprio durante este período em que o recolhimento pessoal se faz necessário.

Em relação ao envolvimento com os vizinhos, todos os participantes afirmam terem contato. No entanto, a maneira com que se relacionam apresentam diferenças entre os participantes. Quatro deles afirmam ter amizades mais próximas, como P5 aponta: *"eu não tenho vizinho, eu tenho uma família aqui"*. Nesta fala, a participante retrata um convívio com significado de familiaridade, no qual os vizinhos oferecem ajuda e suporte entre si. Desse modo, estabelecem uma relação que transpassa o sentimento de amizade. É possível perceber um envolvimento entre os participantes e a comunidade, de ajuda mútua e de cuidado uns com os outros.

Mesmo quando relatado não haver uma relação tão próxima, alguma forma de contato com os vizinhos foi manifestada. Os participantes que residiam em apartamentos (n = 5) relatam ter contato com seus vizinhos apenas quando se encontram nos elevadores ou áreas comuns.

Os demais participantes mencionam ter pouco contato com seus vizinhos, porém sem atritos uns com os outros. Destaca-se também, que um dos fatores pontuados para o bom convívio com os vizinhos, é o fato de não haver intromissões, cada um cuidar de si e manter-se em suas próprias casas, como afirmaram cinco dos participantes.

Em ambas as situações, os participantes referiram ser frequente ter a casa cheia, com familiares e amigos, antes do período atual de pandemia da COVID-19. Nos estudos de Wiles et al (2017), destaca-se que o envolvimento com vizinhos e comunidade torna-se como um fator contribuinte à saúde dos indivíduos, que pode também implicar no desejo em permanecer no lugar de moradia devido às relações estabelecidas por estar neste ambiente. A importância de manter o convívio social com pessoas importantes, é demonstrado pela foto de P9 (figura 4), que relata ser o ambiente onde passa a maior parte do tempo, além de ser um ambiente em que consegue recepcionar seus convidados e conviver com eles.



**Figura 4:** Convivência com os demais, liberdade para conviver.

### *3.2 Aspectos Funcionais da Moradia*

#### *3.2.1 Satisfação e Insatisfação das Necessidades, Segurança, Conforto e Bem-estar*

A funcionalidade da moradia é evidenciada por suprir ou não as necessidades dos entrevistados. Maslow com sua teoria, postula que o desenvolvimento humano ocorre à medida em que há progresso na Hierarquia das Necessidades. Tais necessidades são compreendidas pelo autor como motivações para atender o último e maior nível do

desenvolvimento, denominado de autorrealização. As necessidades propostas por Maslow são: 1) necessidades fisiológicas; 2) necessidades de segurança; 3) necessidades de amor e pertença; e 4) necessidades de estima. Ao suprir cada uma delas, alcançando os níveis seguintes, há a superação de uma necessidade básica. Se as necessidades de algum nível não foram supridas, o crescimento pessoal se detém. Ao ter suas necessidades básicas satisfeitas, o indivíduo alcança a autorrealização (Cloninger, 1998). Neste aspecto, destaca-se nas falas dos participantes especialmente as necessidades essenciais para sobrevivência (alimento, água, sono), de moradia, saúde, conforto, segurança e bem-estar.

Desta maneira, todos os participantes mencionaram terem suas necessidades atendidas ao considerar que a casa propicia a satisfação de tais necessidades. No entanto, mesmo satisfeitos, dois dos participantes relataram aspectos da casa que poderiam ser diferentes. Um deles citou a questão da casa conter dois andares e a presença de uma escada, que em virtude da idade e dos problemas à ela associados dificulta a locomoção. Em contrapartida, a participante apresentou como possibilidade modificar a estrutura da casa, de modo a sugerir a possibilidade de acrescentar um elevador residencial futuramente. Outro relato foi a questão do acesso à água pela Semasa, que não chega até a moradia, mas solucionou ao instalar um poço artesiano, de forma a sanar tal necessidade.

O fato da localização da casa também foi mencionado como uma particularidade que proporciona que tais necessidades sejam atendidas, ao auxiliar na proximidade de lugares que o participante frequenta. Neste sentido, P12 comenta que *“é tudo mais fácil pra gente ir num posto de saúde”*, quando refere sobre a importância da localidade da moradia para os seus cuidados com a saúde e os serviços à ela relacionados.

Além de ter sido considerado como um aspecto afetivo, a tranquilidade foi associada à questão da segurança por morar na casa. Como afirmada por Maslow, a segurança também é uma das necessidades básicas do ser humano. Sentir-se seguro pode estar atrelado também ao sentimento de bem-estar para o sujeito e da possibilidade do conforto que a casa propicia. Muitas condições contribuem para que o sujeito permaneça no lugar por vários anos. O lugar deve, em primeiro lugar, transmitir confiança e segurança. Conhecer os detalhes do lugar traz à tona essa tranquilidade interna e também um sentido de identidade (Hazin, 2012).

Assim, associado ao bem-estar proporcionado pela moradia, evidenciou-se a percepção de aconchego, segurança (n=12) e de forma unânime, de conforto. Uma das participantes manifestou insegurança por assimilar um comparativo com a antiga moradia. A segurança foi justificada por residir em uma área em que não alcança enchente e sem experiências prévias com roubos. Os mecanismos de segurança 24h dos apartamentos e sistema de controle de entrada e saída dos moradores também foi um fator considerado, por ser necessária a permissão para a entrada de estranhos ou não-moradores.

Dessa forma, a fala de P6 exemplifica: *“Aqui a gente tem segurança 24 horas por dia, então se sente seguro. Tanto é que às vezes esquece até a porta aberta do apartamento porque é seguro”*. Neste sentido, o participante afirma que a segurança proporcionada pela moradia é um aspecto que lhe proporciona maior tranquilidade onde reside.

Tal afirmação supracitada está relacionada com o que Afshar, Foroughan, Vedadhir e Tabatabaei (2016) mencionam sobre o apego ao lugar estar diretamente relacionado com conceitos que trazem um sentido de pertencimento, senso de coerência, assim como a sensação de segurança e confiança que o ambiente em questão lhe proporciona.

O aspecto do uso de drogas na vizinhança foi mencionado durante a pesquisa, como um fator que gera medo e insegurança ao sujeito, pois tal razão restringe sua liberdade de alguma maneira. O que destaca P4 quando afirma: *“Aqui não tem segurança nenhuma, não pode abrir uma porta à noite, porque aqui na frente eles usam drogas até de madrugada”*. Sendo assim, pode-se compreender que a falta de segurança mencionada pela participante, refere-se exclusivamente ao fato do uso de drogas que ocorre frequentemente em frente à sua casa, que faz com que se sinta insegura e com medo pela possibilidade de que algo aconteça.

A segurança e o conforto também foram relacionadas às melhorias na estrutura da moradia, as quais puderam proporcionar maior tranquilidade, visto que os participantes percebem-se em um ambiente mais seguro. Compreende-se que um lugar tranquilo, que possibilite o ir e vir dos moradores, auxilia a garantir essa segurança. De acordo com P11, ele afirma: *“Eu tinha um pouco de medo, então andei fazendo umas melhorias na cerca, agora a gente deita e dorme sossegado, é confortável”*.

As melhorias na estrutura física da casa mencionadas lhe proporcionam tranquilidade no que se refere a sentir-se seguro. O fato da segurança transpor os muros da casa fica evidenciado na fala de P2 quando diz: "*Não perco o sono, fecho o meu quarto por dentro e acabou o problema, mas essa rua também é muito tranquila*".

Residir em um lugar tranquilo proporciona a sensação de segurança, de modo que ela não se limita apenas naquilo que o próprio ambiente fornece, mas também estende-se por fazer parte de um bairro ou vizinhança calma e acolhedora.

### *3.2.2 Julgamento das Características Físicas para Realizar as Atividades Almejadas*

Esta subcategoria diz respeito a como os entrevistados percebem e julgam as características físicas da moradia, como um recurso para a realização das atividades que almejam. Sobre as características físicas da moradia, destaca-se o tamanho da casa, relatado por três dos participantes como sendo maior que o necessário.

A percepção acerca do espaço da casa tem influência sobre perdas de pessoas significativas dos entrevistados, sobre as pessoas que permanecem na casa, bem como está relacionada com a quantidade de serviço e tempo depositado para a organização da casa. No entanto, não foi identificado como um incômodo.

Outro aspecto da estrutura física da casa é em relação aos repartimentos. Dois dos participantes afirmaram que a estrutura poderia ter sido dividida de outra forma. Nygren et al (2007) contribuem com a afirmação de que ao perceber a casa como um ambiente útil e significativo quanto à realização das atividades do dia a dia, os idosos tornam-se mais propensos a serem independentes nas atividades diárias, além de contribuir para a sensação de bem-estar.

Percebe-se que as características físicas da moradia auxiliam os participantes na realização das atividades e atendem às expectativas criadas em relação à construção do ambiente, adaptada para o agrado dos próprios participantes, de forma a estabelecerem identificação com a moradia. O registro de P11 (figura 5) retrata a adaptação realizada na cozinha, de modo que fosse maior para que pudesse receber todos da família.



**Figura 5:** Adaptação, possibilita receber a família e fazer as comidas que gosta.

Nota-se que a casa se torna um ambiente receptivo, preparado para acolher as pessoas quando preciso, como aponta P5: *“tudo do jeitinho que eu quis fazer foi feito [...] Pode chegar 20 pessoas, todo mundo vai comer, todo mundo vai dormir”*. Na fala da participante, menciona que a casa atualmente está do jeito que ela deseja. Refere às mudanças realizadas, mas afirma manter o caráter receptivo, agradável e aconchegante, tanto para quem vem, quanto para os que residem na casa. De todo modo, ainda que mencionem desejo em realizar algumas adaptações na casa como a troca de piso e aumentar o degrau da sacada do apartamento para poder apreciar a vista para o mar, percebe-se haver a satisfação e o contentamento com a moradia.

No momento do distanciamento social, a percepção dos próprios entrevistados sobre a casa tornou-se mais lúcida. Foi relatado que devido a quebra da rotina de trabalho fora de casa, outras questões rotineiras mudaram. Uma das participantes menciona não ter conseguido encontrar um canto da casa em que gostasse e que conseguisse realizar suas leituras de forma confortável, tal como era antes quando estava em uma rotina de trabalho.

Além disso, o espaço exterior da casa tem sua importância. Neste sentido, P12 menciona que *“é pequeno o lugar de mexer na terra, mas é um lugar que eu gosto de ir, mexer na terra, fazer alguma coisa, limpeza no pátio. Coisa que eu mais gosto é cuidar da minha casa”*. O canteiro externo da casa é percebido como um lugar a que também se destina o cuidado e que gera sensações de bem-estar. Tal aspecto da funcionalidade corrobora com Macedo et al (2008) que mencionam sobre espaços

importantes no ambiente ou na vizinhança que podem proporcionar prazer ao sujeito.

De acordo com Akesson et al (2017), visitar áreas verdes na vizinhança ou realizar trabalhos ligados à jardinagem tornam-se preditores importantes vinculados com a satisfação com o lugar de moradia, transformando ambientes restauradores tanto dentro do lar como na vizinhança.

Estar em contato com a natureza proporciona experiências ao ar livre, trabalha com uma variedade de sensações visuais e sensoriais, através de aromas, de sons da natureza e o toque na terra, que possibilitam e contribuem para que haja o apego à moradia pelo indivíduo (Akesson et al, 2017).

### **Considerações finais**

Analisou-se que o apego à moradia dos idosos participantes é evidenciado pelos aspectos simbólicos afetivos referidos durante as entrevistas. Poucos foram os aspectos disfuncionais em relação a casa, sendo que estes não são referidos como um aspecto prejudicial para o envolvimento e relação com a moradia. Apenas um participante referiu não sentir-se apegado, devido a casa ser alugada. Todos os demais relataram gostar da casa em que moram, sentirem-se bem e tranquilos de algum modo.

Foi possível perceber ainda alguns aspectos que transformaram-se no momento atual da pandemia. Destaca-se a melhora da relação com a moradia, o fato de estar em casa e poder descansar, vivenciar momentos de tranquilidade dos quais anteriormente não era possível pelo fato de sua casa estar sempre cheia.

A sensação de tranquilidade evidenciada pelos participantes tem ligação ao fato da moradia despertar sentimentos como, conquistas e histórias vivenciadas. Além disso, têm influência pela sensação de conforto e segurança propiciados pelo lugar, bem como pelas relações estabelecidas, especialmente com familiares que convivem e frequentam a casa. Ao considerar o contexto de pandemia, os participantes perceberam a casa com um ambiente seguro para se estar e permanecer, que lhes proporciona melhores condições de saúde também. Dessa forma, pode-se perceber que segurança e conforto foram evidenciadas de forma singular para cada indivíduo, mas que entre si, estão intimamente relacionadas.

Algumas dificuldades e fragilidades foram encontradas no decorrer da pesquisa. Um dos critérios de participação do estudo considerava os participantes estarem em confinamento durante o período da pandemia. Dessa maneira, não tendo a delimitação de

quanto tempo exatamente permaneceram em estado de confinamento, respeitando o distanciamento social apresentou-se como uma dificuldade. A partir disso, pode-se pensar em manejos diferentes para pesquisas futuras. Viabilizar contato anterior com os possíveis participantes, a fim de combinar que estes permaneçam em confinamento durante um tempo estipulado por ambas as partes, com todos os participantes durante o mesmo período de tempo. Assim, a entrevista poderia ser realizada posteriormente, possibilitando resultados mais precisos.

Da mesma forma, apesar de ter sido evidenciado o apego à moradia dos idosos, não foi possível mensurar efetivamente quanto desse apego aumentou em decorrência da pandemia. Neste sentido, sugere-se que sejam realizados estudos com enfoque quantitativo, que utilizem de escalas e demais instrumentos capazes de medir tal apego. Outra sugestão é realizar a pesquisa sobre o apego à moradia com jovens, a fim de investigar se há diferenças nos fatores que levam ambos os grupos a estabelecerem relação de apego à moradia. Além disso, ressalta-se a necessidade do aumento de publicações referentes à população idosa e suas percepções de apego, uma vez que encontraram-se poucos estudos sobre a temática, especialmente em contextos pandêmicos.

Considera-se relevante atentar-se para as estratégias de cuidado aos idosos a partir dos resultados desta pesquisa. Com a evidência da percepção do apego, destaca-se que a moradia se constitui como um ambiente importante para a vida dos idosos e para sua saúde mental em decorrência dos afetos, sentidos e significados atribuídos, além das memórias atribuídas à momentos vivenciados na moradia. Assim, caso familiares queiram retirar os idosos de sua moradia por alguma razão, torna-se imprescindível compreender esta relação de apego, uma vez que o ambiente constitui parte da identidade pessoal e subjetiva do indivíduo.

### Referências

- Afshar, P. F., Foroughan, M., Vedadhir, A. & Tabatabaei, M. G. (2016). The effects of place attachment on social well-being in older adults. *Educational Gerontology*, 43(1), 45-51. doi: <https://doi.org/10.1080/03601277.2016.1260910>
- Akesson, B., Burns, V., & Hordyk, S. (2017). The place of place in social work: rethinking the person-in-environment model in social work education and practice. *Journal of Social Work Education*, 53(3), 372-383. doi: <https://doi.org/10.1080/10437797.2016.1272512>

- Alves, R. B. (2018). *Escala de apego à moradia em áreas de risco: evidências de validade e precisão*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Florianópolis). Recuperado de <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198684>
- Alves, R. B., Kuhnen, A., & Battiston, M. (2015). “Lar doce lar”: apego ao lugar em área de risco diante de desastres naturais. *Psico*, 46(2), 155-164, doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.2.17484>
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N, & Rubin, G. J. (2020). The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, 395(10227), 912-920. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Chang, P., Tsou, C., & Li, Y. (2020). Urban-greenway factors influence on older adults psychological well-being: a case study of Taichung, Taiwan. *Urban Forestry and Urban Greening*, 49(126606). doi: <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2020.126606>
- Cheng, S., Tsai, T., & Chen, I. (2020). Development and psychometric evaluation of the Place Attachment for Community-Dwelling Older Adults Scale. *Journal of Applied Gerontology*. doi: <https://doi.org/10.1177/0733464820907781>
- Cloninger, S. C. (1998). Maslow: psicologia humanista e a hierarquia das necessidades. In: Cloninger, S. C. *Teorias da personalidade*. (pp. 484-514 ) São Paulo, SP: Martins Fontes – Selo Martins.
- Creswell, J. W. (2014). Análise e representação dos dados. In: Creswell, J. W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. (pp. 146-170 ) Porto Alegre: Editora Penso.
- Demétrio, A. M. V., & Barbosa, R. M. S. P. (2016). Apego, afeto e territorialidade: elos entre o idoso e seu ambiente. *Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia*. 7(3), 29-44. Recuperado de <https://www.periodicos.ufam.edu.br/BIUS/article/view/2876>
- Donalisio, M. R. (2007). Política brasileira de vacinação contra a influenza e seu impacto sobre a saúde do idoso. *Cad. Saúde Pública*, 23(3), 494-495. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000300001>
- Felippe, M. L., & Kuhnen, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de Psicologia*, 29(4), 609-617. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400015>
- Hazin, M. M. V. (2012). *Os espaços residenciais na percepção dos idosos ativos*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Pós Graduação em Design, Recife). Recuperado de <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3575>

- Higuchi, M. I. G., Kuhnen, A. (2008). Percepção e Representação Ambiental: Métodos e Técnicas de Investigação para a Educação Ambiental. In: Pinheiro, J. Q., Günther, H. (Orgs.) *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente*. (pp. 181-215) São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2019). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, *Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2019*. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/>
- Inter-Agency Standing Committee - IASC. (2020). Guia preliminar. *Como lidar com os aspectos psicossociais e de saúde mental referentes ao surto de Covid-19*. Versão 1.5. Recuperado de <https://www.paho.org/pt/documents/interim-briefing-note-addressing-mental-health-and-psychosocial-aspects-covid-19-outbreak>
- Lima, R. C. (2020). Distanciamento e isolamentos sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(2). doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300214>
- Macedo, D., Oliveira, C. V., Günther, I. A., Alves, S. M., & Nóbrega, T. S. (2008). O lugar de afeto, o afeto pelo lugar: O que dizem os idosos? *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 24(4), 441-449. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000400007>
- Nygren, C., Oswald, F., Iwarsson, S., Fänge, A., Sixsmith, J., Schilling, O., Sixsmith A., Széman, Z., Tomsone, S., & Wahl, H. W. (2007). Relationships Between Objective and Perceived Housing in Very Old Age, *The Gerontologist*, 47(1), 85–95. doi: <https://doi.org/10.1093/geront/47.1.85>
- Oliveira, A. C., Lucas, T. C., & Iquiapaza, R. A. (2020). O que a pandemia da Covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? *Texto e Contexto Enfermagem*, 29(1), 1-15. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2020-0106>
- Santos, J. S., & Lima, T. C. (2020). O elo entre a pessoa e o lugar: a afetividade, o sentimento de pertencimento e a memória dos moradores do povoado Baixão do Pará, município de Gonçalves Dias - MA. *Geografia: Publicações Avulsas*, 2(1), 274-291. Recuperado de <https://ojs.ufpi.br/index.php/geografia/article/view/10551>
- Schmidt, B., Melo, B. D., Lima, C. C., Pereira, D. R., Serpeloni, F., Katz, I., Rabelo, I., Kabad, J. F., Souza, M. S., Kadri, M., & Magrin, N. P. (2020). A quarentena na COVID-19: orientações e estratégias de cuidado. In: Noal, D. S., Passos, M. F. D., & Freitas, C. M. *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*. Ministério da Saúde. (112-123). Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.
- Torres, A. L. (2015). *O papel do ambiente residencial na qualidade de vida de idosos: um estudo exploratório em Cabedelo, Paraíba*. (Tese de Doutorado em Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal). Recuperado de <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/20997>

- Trabka, A. (2019). From functional bonds to place identity: place attachment of Polish migrants living in London and Oslo. *Journal of Environmental Psychology*, 62(1), 67-73. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2019.02.010>
- Wiles, J. L., Rolleston, A., Pillai, A., Broad, J., Teh, R., Gott, M., & Kerse, N. (2017). Attachment to place in advanced age: a study of the LiLACS NZ cohort. *Social Science & Medicine*, 185(1), 27-37. doi: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2017.05.006>